

# Contribuição da religião para com o desenvolvimento local: estudo de caso da organização "Dando as Mãos"\*

Contribution of the religion for local development: a case study of the organization "Dando as Mãos"

*Contribución de la religión al desarrollo local: el caso de la organización "Dando as Mãos"*

*Contribution de la religion au developpement local: une etude de cas de l'organisation "Dando as Mãos"*

Elizabete Maria da Silva\*\*

Marney Pascoli Cereda\*\*\*

Recebido em 21/6/2010; revisado e aprovado em 23/4/2010; aceito em 17/10/2010

**Resumo:** O instável tecido social do meio rural brasileiro mostra que a posse da terra por si não tem conseguido desenvolvimento. Das instituições com que entraram em contato antes e após a posse da terra, as organizações religiosas são as mais lembradas. O artigo analisou o papel da religião na organização social do assentamento por entrevistas com assentados. A confiança destacou-se como a atitude determinante do restabelecimento das frágeis ligações na comunidade estudada.

**Palavras-chave:** Religião. Desenvolvimento local. Confiança.

**Abstract:** The unstable social tissues of rural Brazilian area shows that ownership of the land itself has failed to develop. Of the institutions that came into contact with before and after land ownership, religious organizations are most remembered. The article analyzed the role of religion in the social organization of the settlement by interviews with settlers. The trust has stood as the decisive action of restoring the fragile bonds in the studied community.

**Key-words:** Religion Institutions. Sustainable development. Trust, informal institutions.

**Résumé:** Le tissu social instable du Brésil rural Cela montre la propriété de la terre elle-même n'a pas réussi à se développer. Que les institutions de la came en contact avec des avant et après la propriété foncière, les organisations religieuses sont les plus mémorables. L'article analyse le rôle de la religion dans l'organisation sociale de la colonie par des entretiens avec les colons. La confiance a résisté à l'action décisive de la restauration des liens fragiles étudié dans la communauté.

**Mots-clés:** Religion. Developpement sustentable. Confiance.

**Resumen:** Los inestables tejidos sociales de las zonas rurales de Brasil muestrma que la propiedad de la tierra ella misma no ha logrado el desarrollo. De las instituciones que los campesinos tuvieron contacto antes y después de la propiedad de la tierra, las organizaciones religiosas son las más recordados. El artículo analiza el papel de la religión en la organización social del assentamento por medio de entrevistas con los productores. La confianza se ha mantenido como la actitud determinante de la restauración de los frágiles lazos de la comunidad estudiada.

**Palabras clave:** Religión. Desarrollo Local. Confianza.

## Introdução

No Brasil, é notória a participação da Igreja Católica nas conquistas populares. A luta pela terra sempre foi uma das preocupações de alguns setores da Igreja, com suporte nas comunidades de base, onde é gestado o movimento dos trabalhadores sem terra, o MST.

Neste contexto a Província Santa Tereza do Menino Jesus, da Congregação das Irmãs

Catequistas Franciscanas, com sede no município de Rondonópolis, Mato Grosso, assumiu como prioridade o trabalho com grupos considerados excluídos, na preocupação com as lutas políticas e compromisso com a transformação social. Entre os grupos selecionados, a entidade atua junto a organizações sociais camponesas da região. Dessa atuação surgiu a "Dando as mãos", Organização Solidária dos Assentados e Empreendedores em geral, que

\* Artigo produzido durante o período em que a autora principal era mestranda do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Local, Mestrado Acadêmico - UCDB, Campo Grande, MS, 2009.

\*\* Irmã Catequista Franciscana, província Santa Teresa do Menino Jesus, Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. E-mail: dasilvabete@yahoo.com.br

\*\*\* Mestrado em Desenvolvimento Local Centro de Tecnologia e Análise do Agronegócio, Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: cereda@ucdb.br

evoluiu do “Grupo dando as Mãos”, fundado no município de São José do Povo/MT, no ano de 2005. A motivação para sua organização foi a reflexão suscitada pela Campanha da Fraternidade, cujo tema era “Solidariedade e Paz”, tendo como objetivo organizar os empreendedores do município pelos princípios da economia solidária.

Para compreender a ação da Associação “Dando as mãos” é necessário lembrar que os assentamentos surgem como medida do governo para viabilizar a Reforma Agrária, que conforme o estatuto da terra “visa a melhor distribuição das terras mediante modificação no regime de sua posse e uso, a fim de atender aos princípios da justiça social e ao aumento de produtividade” (LEI 4.504, 1964). A posse da terra foi argumento importante quando havia problemas de insegurança alimentar, o que motivou as migrações. Estas por sua vez deveriam gerar desenvolvimento (SILVA; CEREDA, 2007). Entretanto, conflitos frequentes são observados nos assentamentos, levando ao abandono ou a venda do lote, e conseqüentemente, novas migrações, caracterizando a falência do sonho ligado à solução dos problemas apenas pela posse da terra (MELLO, 2006).

O fato suscita a seguinte dúvida, se a terra era o fator mais importante, então o que falta?

Buscando uma resposta a essa situação, muitas dioceses apostam no trabalho de organização das comunidades eclesiais como forma de unir, criar laços entre os moradores, dar esperanças, ou seja, manter a utopia. Mas é percebido certo descrédito por parte dos moradores dos assentamentos frente a essa proposta, principalmente pela atuação recente da Igreja, mais restrita a missas e celebrações do que propriamente às ações políticas. Com uma consciência política profundamente marcada pelo marxismo, muitos assentados desconfiam e se mantêm a distancia, alguns pelo medo de que a religião seja mero instrumento de reprodução da ordem social estabelecida, outros por não conseguir ver nenhuma proposta concreta em tal engajamento. A falta de perspectivas na produção, desagregação familiar causada por conflitos de interesses, desunião entre moradores e de degradação da condição humana são sintomas já diagnosticados (MELLO, 2006; GIULIANE; CASTRO,

1996). Situação que gera uma preocupação constante nos diversos setores da sociedade, inclusive na Igreja.

Por esse motivo a pesquisa se propôs a um estudo de caso da atuação da Organização “Dando as Mãos”, dos assentados e empreendedores em geral, gestada e orientada por religiosas da Província Santa Tereza do menino Jesus, da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, com sede na Diocese de Rondonópolis, Mato Grosso.

Considerou-se a hipótese de que, nessa realidade, a presença das “Irmãs” é fator agregador, unificador, por ter a confiança dos assentados e demais moradores da região, fiéis ou não fiéis. Isso mobiliza a formação da comunidade, ou seja, a união em torno do que é comum, a coesão solidária, que possibilita o despertar do protagonismo pessoal, o compromisso com o destino próprio e da comunidade. Essas são condições essenciais para que ocorra o Desenvolvimento Local, cuja essência é a participação efetiva da comunidade pela valoração humana, individual e do lugar.

## 1 Revisão bibliográfica

A Religião desde os primórdios dos tempos ocupa certamente um lugar de destaque na história da humanidade e especificamente do Brasil. Em muitos períodos da história foi utilizada como instrumento de dominação e coerção, mas em outros, fez a opção pelo dominado, defendendo a dignidade e a vida humana (CARVALHO, 2008). Contrariamente a visão histórica de resolver problemas da realidade local, como o famoso caso da catequização indígena pelas primeiras congregações religiosas que vieram para o Brasil como missionários da Coroa de Portugal, a visão mais atual procura ajudar a comunidade em uma forma mais integradora, para que a mesma tenha condições de assumir o seu próprio desenvolvimento, desenvolvimento que tem como centro a pessoa humana, em que encontra eco em Ávila (2000, p. 23)

[...] não se obtém desenvolvimento sem que se visualize o homem, à luz da hierarquia de valores, em sua integridade como pessoa humana, membro construtivo de sua comunidade e agente de equilíbrio em seu meio geofísico.

Não existe registro de qualquer estudo em qualquer parte da história, de algum agrupamento humano em qualquer época que não tenha professado uma religião, portanto, pode-se afirmar que a religião é um fenômeno inerente à cultura humana, apesar de todo avanço científico (CARVALHO, 2008).

Para Alves (1993) a religião, por meio de seus elementos constitutivos gera elementos que despertam esperança nas mudanças sociais, na criação da "nova terra". Segundo o autor, os sonhos religiosos das pessoas se transformam em fragmentos utópicos da construção de uma nova ordem. Muitos estudiosos dos movimentos sociais no Brasil concordam com essa teoria de Rubens Alves (LEMOS, 2008).

Historicamente a missão da Igreja, tem sua ação condicionada a força carismática de seus pastores. Em certos momentos da história a atuação da Igreja popular é mais progressiva, em outras ocorre uma retração nessa atuação. Sua influência é grande na sociedade brasileira, pois o país está inserido em uma cultura fortemente marcada pelo pensamento cristão. Alguns setores da Igreja, especialmente da Igreja Católica, estão profundamente envolvidas com o trabalho de formação da consciência política da população, influenciado, segundo Lowy, pelo cristianismo da libertação (LOWY, 1996, p. 77). Esses setores da Igreja estão presente na luta camponesa de forma notória. Petras (1997) atribui à Igreja Católica, entre outros, a formação ideológica do movimento dos trabalhadores sem terra - MST, através da Comissão da Pastoral da Terra - CPT. Para o autor a presença dos diversos seguimentos da Igreja, ligados ao movimento, contribuiu para atrair o apoio de classes não ligadas ao trabalho rural, tais como os progressistas e favelados urbanos, setores da Igreja e sindicalistas. Essa união gerou uma grande contribuição política, unindo leigos e religiosos, realizando uma síntese dinâmica nos conceitos de solidariedade e comunidade, reflexão crítica e fé, na libertação humana.

A Igreja popular sofre hoje, uma grande retração, sob pressão de uma política centralizadora e conservadora (MENEZES, 2006). Mas muitos setores continuam defendendo suas convicções éticas, fortemente enraizadas. Há muitas Dioceses, paróquias e

Congregações religiosas, comprometidas com a luta popular, marcando presença entre os pobres e excluídos, de seu tempo, buscando ser resposta em situações de conflitos, e assim contribuir com o desenvolvimento local, como nos diz Stülp (2008, p. 271), transcrevendo o relato do texto trabalhado por lideranças das 44 paróquias, organizadas em 10 regiões pastorais, das prioridades do atual plano pastoral, página 17, da Diocese de Chapecó/SC onde é assumido, num dos serviços de pastoral prioritário, a pastoral social, reorganizar

[...] a CPT - Conselho Pastoral da Terra, sendo assim uma Igreja evangelizadora e libertadora, comprometida com a vida, com as lutas populares, com as políticas públicas, com a reforma agrária, com as questões indígenas, orientando e organizando os pequenos agricultores na luta pela terra.

Portanto, apesar da retração na atuação da igreja nas causas sociais, percebe-se uma íntima relação entre religião e práticas sociais de enfrentamento da pobreza, segundo Buryti (2008, p. 03),

[...] o movimento da reforma do Estado e os ajustes macro-estruturais impuseram ao segmento organizado da sociedade civil o ônus de se redefinir para assumir funções de provisão e proteção social deixadas pelo Estado.

Muitas Congregações surgiram para preencher essas lacunas deixadas pelo Estado. Foram criadas com um determinado objetivo (educação, saúde, assistência social, menores carentes, indígenas, operários, mulheres...), buscando responder a necessidade do local e do momento histórico. Uma delas foi a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, que tem como data de sua fundação 14 de janeiro de 1915, e surgiu devido à necessidade de professoras e catequistas para os filhos de migrantes italianos de Rodeio, Santa Catarina (VALANDRO, 1990).

A Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, fundada, portanto, para prover o interior de uma paróquia rural do interior do Estado de Santa Catarina, cresceu e em 2010 está presente na maioria dos estados brasileiros, países da América Latina e em um país do continente africano, Angola. É organizada em seis grupos denominados províncias e durante seus noventa e quatro anos de fundação muito contribuiu e contribui para o desenvolvimento local, em vários

lugares onde esteve e esta inserida. Esse fator pode ser comprovado pela preocupação em colaborar na formação humana através da educação ou na formação das comunidades eclesiais, ajudando as mesmas, através dos valores evangélicos, a assumirem como base a “conquista da dignidade da pessoa, o crescimento comunitário, e a participação do povo na construção da nova sociedade” (CCGG 32)<sup>1</sup>. Usando uma pedagogia libertadora, conhecendo, respeitando e valorizando as diferentes culturas, através de um diálogo de mutuo aprendizado e recíproca evangelização, favorecendo o ecumenismo e o diálogo religioso, em atitude de discernimento, assumindo as tarefas que melhor atendam a realidade (CCGG 34 e 35). Assim, é que um grupo de mulheres que se sentem enviadas a “colocar-se a serviço da vida, para que as pessoas possam reconquistar a própria dignidade” (CCGG 37). Colaboram, dessa forma, para que as pessoas se empoderem de seu desenvolvimento pessoal, grupal, formando o que é comum, construído em conjunto com o povo “uma coesão solidária que deve ser constantemente educável” (AVILA, 2003, p. 35).

Nas Linhas Inspiradoras assumidas para o sexênio vigente (2007 a 2012), encontra-se como destaque a ampliação em projetos de educação popular, economia solidária, incentivando a prática do consumo ético e solidário, aprofundar o compromisso com a justiça, a paz e a ecologia e ainda a capacitação própria e das comunidades para atuação em espaços onde são definidas as políticas públicas (LINHAS INSPIRADORAS DA CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS CATEQUISTAS FRANCISCANAS, 2007).

Percebe-se, pelo exposto, citando Ávila (2000, p. 68), na Congregação das irmãs catequistas franciscanas um trabalho voltado para o desenvolvimento local, através do “efetivo desabrochamento- a partir do rompimento das amarras que prendam as pessoas em seus *status quo* de vida – das capacidades, competências e habilidades de uma ‘comunidade definida’.

Para Martins (2005) o desenvolvimento local se dá através da participação. A participação envolve primordialmente o compromisso, não meramente a presença, mas o envolvimento dos atores com os problemas e a busca de soluções para esses. Sem essa

participação e sentido de pertença, não é possível promover o desenvolvimento local. As Irmãs Catequistas Franciscanas trazem, também, em suas Constituições Gerais 29, 30 e 35, como forma de vida, viver no meio do povo, se identificando com suas lutas e necessidades e com esses buscar caminhos alternativos de inserção na sociedade.

As irmãs Catequistas Franciscanas vieram para o Mato Grosso em 1947, atendendo ao pedido da Igreja local, que necessitava de professores e catequistas para os filhos dos “sertanejos” do sul do Estado, região compreendida ao norte do município de Rondonópolis (VALANDRO, 1990). Com uma forma de vida flexível, que lhes permitia viver nas regiões mais isoladas, serviram o povo e indicaram novos caminhos durante seus 61 anos de atuação na região (DEMARCHI, 1997). Em 2010 a província abrange Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amazonas e Bolívia.

A Província Santa Tereza do Menino Jesus, com base nas Linhas Inspiradoras assumidas no sexênio pela congregação, assume como prioridade, entre outras, continuar o trabalho com assentados, buscando uma forma diferenciada, visto ser esse um desafio constante para alguns setores da Igreja, como nos diz Meneses Neto,

[...] Focalizando mais especificamente as lutas dos trabalhadores rurais e suas relações com as igrejas, especificamente a Igreja Católica, observa-se que existe uma questão histórica envolvendo estes atores sociais. Nas conhecidas lutas de Canudos e Contestado, o viés religioso messiânico e fanático é bastante presente na tentativa de construção de sociedades locais, com regras próprias, rústicas e questionadoras do poder central. No período pré-64, tem-se a organização das Ligas camponesas no Nordeste brasileiro e a disputa pelo controle de organizações camponesas por parte da Igreja e dos comunistas. (MENESES NETO, 2006, p.07)

Do ponto de vista deste grupo, não interessa apenas a inserção dos assentados

<sup>1</sup> FORMA DE VIDA DAS IRMÃS CATEQUISTAS FRANCISCANAS. CCGG- *Constituições gerais*: sobre a Vida Apostólica, n. 29, 30, 32, 34, 35 e 37. Texto de uso interno, elaborado pelas Irmãs Catequistas Franciscanas. Joenville, 25 de março de 1998.

no mercado, mas a relação familiar e com o transcendente, na perspectiva de revigoração da luta e da esperança; a coesão solidária, que deve nascer da união em torno do que é comum, ou seja, da comunidade; o cultivo dos valores individuais e coletivos, a convivência fraterna entre familiares, vizinhança e com a natureza, a confiança que nasce do conhecimento recíproco, a consciência do potencial transformador que cada um possui e o necessário protagonismo pessoal e grupal na transformação da sociedade em uma sociedade mais justa e solidária. Para tanto, as Irmãs, após o último capítulo da congregação (assembleia eletiva), assumem, em todos os seus trabalhos, o compromisso com a economia solidária, visto a profunda relação entre os princípios que regem tal economia, com o sonhado e almejado para a nova sociedade com relações mais justas, fraternas, e que passa também pelo econômico (PRIORIDADES, 2006)<sup>2</sup>.

A Economia Solidária é entendida como uma das mais características formas de cooperativismo, capaz de gerar novas oportunidades de inserção social, permeada pelos valores éticos da honestidade, transparência e *responsabilidade social*. Segundo Gaiger (2004) os empreendimentos solidários são enraizados na comunidade e por isso promovem a participação local, dinamizam redes e fomentam a democracia política. Possibilitam, portanto, que se cruze o espaço territorial e social, do micro ao macro, do local ao mundial. Tais empreendimentos estão ligados ao trabalho, às pessoas que vivem, residem e se relacionam vinculados a um território e a um sentimento de pertença. Pela prática de autogestão, formam um espaço de proximidade, onde é permitido aos que dele participam tomar a palavra, debater, decidir, e construir projetos econômicos em resposta aos problemas sociais que encontram no local, contribuindo para o empoderamento local e seu consecutivo desenvolvimento.

A Economia Solidária ganhou espaço, nas últimas décadas, junto aos movimentos sociais e instituições religiosas ou não, pela proposta em promover o desenvolvimento social com sustentabilidade e geração de renda. A Rede Amazônia Solidária (2005) destaca o surgimento da economia solidária como uma opção ao desemprego corrente das

últimas décadas. Assim como nos países europeus, a economia solidária ressurgiu no Brasil como defesa da classe trabalhadora, fazendo-a se organizar em seus próprios negócios, inserindo-os no mercado e conseqüentemente na sociedade. A inserção social, na Economia Solidária, se dá

[...] por meio do trabalho, ajuda mútua, responsabilidade, equidade e solidariedade, domínio do "know-how" produtivo, distribuição eqüitativa da renda obtida e fortalecimento do desenvolvimento local de forma auto-sustentável. Baseia-se na autogestão dos empreendimentos. (CALDEIRA, 2008, p. 143).

É um processo lento, onde a educação é um fator preponderante.

Uma das iniciativas para fomentar a produção local, dentro da Economia Solidária, é o microcrédito ou crédito solidário. Criado como alternativa para suprir a burocracia do sistema financeiro formal, que exige formas de garantia de devolução do que se tomou emprestado, muitas vezes inexistente entre os que estão desempregados ou possuem uma baixa renda. Essa experiência, de microcrédito, teve início em Bangladesh, na Ásia, onde o economista Muhammad Yunus criou o banco Grammeen, voltado para atender a população de baixa renda, que tinha dificuldade de conseguir empréstimos pelas instituições tradicionais. A experiência de Yunus provou que o microcrédito pode constituir numa estratégia eficaz de promoção da produção, sem grandes riscos para o financiador e com grandes benefícios para os grupos envolvidos. O sucesso foi tão grande que em poucos anos a iniciativa se expandiu para outros países e atualmente favorece milhões de pessoas do planeta (ECONOMIA SOLIDÁRIA, 2008).

Portanto, por sua base profundamente evangélica, a Economia Solidária foi adotada como forma de trabalho pelas irmãs Catequistas Franciscanas, na sua missão de promoção e defesa da vida.

<sup>2</sup> PRIORIDADES, PROVINCIA SANTA TEREZA DO MENINO JESUS, Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, adotadas para o quadriênio (elaborado para um período de quatro anos), 2007 a 2010. Texto de uso interno, elaborado pelas Irmãs Catequistas Franciscanas, da Província Santa Tereza do Menino Jesus.

## 2 Metodologia

A pesquisa pode ser qualificada como de natureza exploratória. A pesquisa exploratória é adequada ao trabalho em questão, pois não foram encontrados relatos de literatura focada sobre o tema em questão, religião e desenvolvimento local, assim como sobre a ação da “organização dos assentados e empreendedores em geral ‘Dando as Mãos’”.

Quanto aos meios utilizados, a pesquisa se baseou em dados e informações bibliográficas, documentais e de campo. Buscaram-se informações em literaturas sobre o tema. Foram coletados, selecionados e analisados documentos locais, com a finalidade de construir um conhecimento teórico analítico que auxiliou no estabelecimento das variáveis e estruturação da pesquisa.

A coleta de dados primários utilizou a observação e entrevistas com grupos selecionados como de suma importância para a pesquisa, como poder público local, estadual e federal, organizações ligadas à proposta de reforma agrária, assentados, empreendedores, religiosas e outros que a pesquisadora julgou necessário.

Quanto ao tipo de método, a pesquisa utilizou uma abordagem do tipo indutiva, isto é, buscou-se a realidade dos fatos pertinentes, que envolvem a vida dos integrantes da organização, especificamente dos assentados, empreendedores e religiosas, no que tange aos fatores que impulsionaram a sua ação, anseios e perspectivas.

A pesquisa de campo, nos assentamentos e empreendimentos envolvidos, foi estruturada de modo a, além de permitir conhecer e avaliar a ação, avaliar também as dificuldades enfrentadas por estes para buscar se apropriar das bases do desenvolvimento local.

## 3 Desenvolvimento

O levantamento histórico feito junto aos membros da organização “Dando as mãos”, assentados e empreendedores em geral e as Irmãs que acompanham o projeto, deixou claro que suas ações de longa data começam a apresentar resultados. O ponto de partida da ação sistemática das Irmãs junto aos assentados da região foi o Projeto “Férias Diferentes”. O Projeto “Dando as mãos”,

portanto, é resultado desse sonho, que teve início oficial nos dias 06 e 11 de outubro de 1999 na celebração do Décimo Capítulo Provincial, das Irmãs Catequistas Franciscanas da Província Santa Tereza do Menino Jesus, com a manifestação de grande preocupação com a situação dos assentados e acampados na região. Encontra-se documentado que um sentimento profundo tomou conta de cada irmã, tornando claro que era preciso avançar, gestar uma ação mais concreta e radical junto a esse setor tão excluído e marginalizado. Após momentos fortes de oração, de reflexão sobre a mística da Irmã Catequista Franciscana como educadora nesse contexto, nasceu a idéia de realizar uma peregrinação ao encontro desse grupo, através de alianças e parcerias. Assim, nasceu o Projeto “Férias Diferentes”. Como ponto de partida para concretizar o projeto foi enviada uma carta circular incentivando as fraternidades para tal proposta, acompanhada de uma ficha destinada a fazer um levantamento das voluntárias. Com muitas voluntárias inscritas, 24 ao todo, entre irmãs e formandas, o Projeto “Férias Diferentes” tomou corpo na dinâmica do discipulado de Jesus Cristo, armando tenda junto às famílias dos sete assentamentos contemplados, em dezembro de 1999, janeiro e julho de 2000. O trabalho realizado especificamente nesse período teve o objetivo de conhecer a realidade, as dificuldades e expectativas dos assentados. Os municípios e assentamentos foram: Pe Antonino (município de Pedra Preta), Zumbi dos Palmares (município de Dom Aquino), Dom Osório e Carimã (Município de Rondópolis) e Pe. Josimo, São José do Povo, Carlos Mariguella, Poxoréu e Geraldo Pereira de Andrade (Município de Juscimeira) (Projeto Férias Diferentes, 2000).

Após essa etapa, foi feita uma avaliação em conjunto, Irmãs e integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST, onde surgiu a necessidade de avançar mais concretamente em virtude da situação observada nos assentamentos, o nível de escolaridade muito baixo, um motivo é a faixa etária dos entrevistados e sua origem, pois migrantes provenientes da zona rural de regiões que, nas décadas anteriores apresentavam menores índices de desenvolvimento, tais como o interior de Minas Gerais (SILVA e CEREDA, 2007). O nível de confiança entre

os moradores e inadequado para a necessária organização social, conforme verificado também por Silva e Cereda (2007) em um estudo de caso em um assentamento da região, o Padre Josimo Tavares. A presença do poder público local também é insatisfatório, fato diagnosticado pelas autoras citadas, Silva e Cereda (2007). Assim, em 2001, as Irmãs assumiram, em parceria com a Diocese de Rondonópolis, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra-MST e paróquia São José do Povo, um projeto junto aos assentados e acampados. Em relatórios fornecidos pela equipe que assumiu esse trabalho, buscaram-se conhecer primeiramente a realidade vivida pelas pessoas já assentadas, por meio de visitas às famílias, num total de 483. Ouviram-se as suas histórias de vida, suas lutas, medos, sonhos e conquistas. Com o desenvolvimento do trabalho das irmãs, foram incluídos também, nas visitas, outros assentamentos do município de São José do Povo, quais sejam, Marcio Pereira, Primavera, Sandrini e de Guiratinga, o assentamento Salet Strosak. Nestas visitas foi refletido ainda sobre a preservação do meio ambiente, dos animais e o cultivo de plantas alimentícias, medicinais e hortaliças. Também foram realizados encontros com o objetivo de unir a comunidade em torno da Palavra de Deus, unindo fé e vida e despertando para a conscientização e formação para a cidadania. O projeto consistia em um acompanhamento sistemático a esses grupos, com cursos para formação de lideranças para as comunidades eclesiais, presença nas lutas reivindicatórias, colaboração na reflexão política, etc. Com estas ações, as Irmãs conquistaram a confiança dos assentados e simpatizantes, por ser uma presença concreta no meio destes. Assim, segundo o registro de abertura da casa das Irmãs no município de São José do Povo em maio de 2002, um dos objetivos foi desenvolver o Projeto Missionário em Parceria com o Movimento dos Trabalhadores sem Terra-MST e a Diocese de Rondonópolis. No histórico de abertura da casa é relatado o início do projeto e a necessidade de uma presença ainda mais sistemática, favorecida pela localização estratégica do município, pela proximidade com a maioria dos assentamentos atendidos então.

Percebe-se que a reflexão continua, e a inquietação persiste com a questão de como

oferecer uma resposta mais concreta nessa realidade. Surge, em 2005, como alternativa, a "Dando as Mãos" Organização Solidária dos Assentados e Empreendedores em geral, cuja finalidade inicial seria uma tentativa de responder a uma realidade de falta de perspectiva para o trabalhador do município de São José do Povo. Começou como um pequeno grupo, composto de 5 famílias da sede do município, um grupo de artesanato e um de costura. A relevância do trabalho logo atraiu moradores dos assentamentos Marcio Pereira e uma família do assentamento Padre Josimo Tavares e gradativamente foi ganhando espaço em outras localidades.

As atividades da Organização Solidária dos Assentados e Empreendedores em geral "Dando as Mãos" tiveram como motivação inicial a Campanha da Fraternidade de 2005, cujo tema era Solidariedade e Paz. Surgiram da reflexão entre a fraternidade local, paróquia e comunidade, para tentar responder aos apelos daquela realidade. A Organização reúne os pequenos empreendedores da cidade e dos assentamentos, na reflexão e na prática, de forma solidária, buscando encontrar alternativas para escoar a produção, comercializar o que se produz, de forma a gerar renda e sustentar com dignidade a família e promover o desenvolvimento local. Essa proposta encontrou eco nos participantes, que logo se sentiram parte, assumindo com confiança o desenvolvimento do novo projeto.

O projeto assume como forma de trabalho a economia solidária, que possui como princípios a autogestão, democracia, cooperação, centralidade no ser humano, valorização da diversidade, emancipação, valorização do saber local, valorização da aprendizagem, justiça social na produção e cuidado com o meio ambiente. São identificados nesses princípios os valores evangélicos, com uma profunda relação com o sonhado e almejado para a nova sociedade, com relações mais justas e fraternas, que passam também pelo econômico. O projeto é gestado na caminhada, partindo da idéia de que não há um caminho pronto e o processo está em construção continua. A organização é composta de famílias que se dedicam ao artesanato, confecções, suinocultura, criação de aves, fabricação de melado e rapaduras, derivados do leite, farinhas, plantadores de lavoura, piscicultura, etc. Con-

ta com uma coordenação que integra Irmãs e representantes de cada assentamento e/ou grupos empreendedores.

A princípio o projeto é financiado por valores recebidos de herança por uma das irmãs, investimentos da província e projeto da MZF - Missão Central Franciscana, com sede na Alemanha. Estes recursos funcionam como capital de giro para o microcrédito, uma iniciativa do grupo para ajudar os empreendedores, que diante da realidade sócio-econômica, encontram dificuldades financeiras para adquirir material para a realização da produção de forma satisfatória. O objetivo principal da produção é o consumo familiar (segurança alimentar) e de demais moradores do próprio assentamento, buscando a auto sustentabilidade local. Somente o excedente é comercializado em outros locais. O valor é cedido aquele que o requer, sem burocracias, pois o que importa é o valor educativo desenvolvido pela responsabilidade em quitar o empréstimo, não por medo de alguma penalidade, mas pela preocupação com os companheiros que estão na fila de espera pelo financiamento. Cada família pode solicitar uma média de mil a dois mil reais, a cada empréstimo, valor limitado, pois os investimentos, até o momento são feitos em construção de pocilgas, pequenas granjas, chocadeiras, estrutura para fabricação de rapaduras, plantio de cana, construção de açudes para criação de peixes, etc. O juro total cobrado é de 5% do montante emprestado, para a manutenção do capital, sendo que o interesse da organização não é o lucro. Cada família, após reflexão com a equipe de coordenação, decide o valor das parcelas a serem devolvidas, sendo o prazo médio das devoluções do capital emprestado, de 18 meses. As famílias têm um período de carência até começar a devolução, em média de seis meses, dependendo de cada projeto. O importante é que tenham um período suficiente para que comecem a ter retorno do capital investido. O valor devolvido é utilizado para novos empréstimos, podendo ser para a mesma família ou outras que estejam na fila de espera. São atendidas pessoas de baixa renda, moradores dos assentamentos e da sede do município, que tenham interesse em melhorar as condições de vida da família e contribuir no desenvolvimento local. As famílias que pedem financiamento são

acompanhadas pela equipe de coordenação, através de visitas bimestrais aos projetos e reuniões bimestrais nos assentamentos ou grupos empreendedores. Nas reuniões gerais, onde se encontram todos os participantes, que também são bimestrais, acontece a formação humana, e a mutua ajuda na partilha das dificuldades, pois a formação técnica é buscada junto a prefeitura local.

As famílias interessadas elaboram um pequeno projeto, onde consta o que pretende produzir, e o resultado de uma pesquisa de mercado sobre os preços dos bens necessários para realizar essa produção. Também constam no projeto a relevância social do mesmo e os benefícios que trará para a comunidade.

Os agricultores da região poderiam recorrer ao PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, que oferece mais vantagens financeiras, que o microcrédito criado pela "Dando as Mãos", mas muitas vezes ocorre uma rejeição ao programa, desde a implantação do assentamento, fator já detectado em outras regiões (ABRAMOVAY; VEIGA, 1999). Muitos agricultores se encontram endividados, por despreparo próprio, ou dos técnicos responsáveis em elaborar os projetos, o que os exclui automaticamente de tal programa. Há ainda as exigências de garantia para acesso ao crédito, e toda a burocracia necessária, o que faz com que o agricultor desanime. Há também o mito de que o banco vai "tomar" seus bens, caso tenha algum imprevisto e não consiga acertar a dívida.

O diferencial do microcrédito fornecido pela "Dando as Mãos", portanto, esta na relação de proximidade com os assentados e da confiança gerada pela Igreja e, em especial pelas Irmãs Catequistas Franciscanas da Província Santa Tereza do Menino Jesus, sendo que os coordenadores/as são todos/as dos assentamentos da região. Há, também, os princípios humanistas, que envolvem as práticas da Economia Solidária.

Os assentados, maioria ex-militantes do MST, possuem uma consciência política aguçada, confiam nas irmãs e conhecem a necessidade de estarem organizados para um desenvolvimento das bases econômicas e sociais. Assim, se sentiram atraídos pela proposta da economia solidária, que ensaja a necessária organização social, para um



desenvolvimento de bases materiais. Essa economia trás, ainda, a proposta de proteção ambiental, o que é contemplada no grupo com o incentivo a produção agro ecológica.

O objetivo da organização, portanto, é facilitar o surgimento de novos empreendedores/as, através da concessão de micro-créditos, investindo no coletivo para inserir esses grupos considerados desprivilegiados no mercado e na sociedade, criando perspectivas, através da educação/formação, de uma nova humanidade com novas relações, uns com os outros, na produção, na comercialização, no consumo, na proteção do meio ambiente, na vida. Também proporciona espaço e condições de participação para todas as pessoas que sonham e acreditam em "Um novo mundo possível" independente de ideologias partidárias e outras. Outra ação concreta é a preocupação dos integrantes do grupo em estabelecer metas, resolver os problemas em conjunto, buscando soluções através da reflexão em equipe. Como exemplo cita-se a preocupação com a comercialização, pois com 35 famílias produzindo, entre projetos familiares e grupos empreendedores, surge a necessidade de colocar o excedente no mercado. As exigências pelos órgãos fiscalizadores são imensas e burocráticas e ninguém conhece a legislação vigente. É necessário o estudo na busca de soluções alternativas para resolver o problema e escoar a produção de forma solidária. Em um projeto ao Instituto Marista de Solidariedade, o grupo realizou, em 2009, a Primeira Feira de Economia Solidária da Região Sul do Estado de Mato Grosso, no município de Rondonópolis, contando com uma média de 100 expositores que vieram comercializar a sua produção. A luta é contínua, a cada novo desafio resolvido, surge outro, o que parece dar garra e animo aos membros do grupo para continuar a construção do novo.

O projeto possui um importante cunho educativo, pela necessária confiança estabelecida entre os seus membros, no sentido de co-responsabilidade com o destino próprio e dos companheiros, na auto-ajuda na resolução dos problemas. Se o companheiro não devolve o valor solicitado, todos perdem, visto todos serem sócios do montante da organização. Através do projeto a MZF - Missão Central Franciscana, a organização recebeu 10.000,00 euros a serem utilizados, também,

na formação. Segundo a coordenação da organização, este é o objetivo principal desse trabalho, no qual o diferencial em relação a tantas organizações já conhecidas é a "formação humana, que ensina a SER, ajuda a que cada um seja mais, mais trabalhador, mais solidário, mais maduro, mais responsável. Em uma palavra, MAIS HUMANO, desenvolvendo ao máximo possível em cada pessoa as capacidades humanas que recebeu em sua natureza" (CARDENAL, 1994, p. 04). Em depoimentos junto a assentados e empreendedores atuantes no projeto, o grande destaque, portanto, é para esse espaço de formação humana conquistado na organização, assumem que se tornaram mais solidários uns com os outros, se visitam mais e a entre - ajuda é uma constante. Há uma preocupação maior de uns para com os outros, não só membros da organização, mas da região no geral, portanto reconhecem que há um estreitamento nas relações de forma geral. Os resultados são percebidos na identificação dos membros com a organização, se sentindo parte, não apenas participe, se preocupando mais uns com os outros. Nesses encontros de formação são trabalhados também outros temas, tais como: agro ecologia, economia solidária, políticas publicas, etc.

Analisando o empenho dos membros da organização, percebe-se que um importante fator é a presença da Igreja Católica. Esta possui, ainda, muita credibilidade junto à população, mesmo entre os não fiéis, atraindo a confiança, ainda que não a participação. As Irmãs, enquanto presença da Igreja são elos de união para um gestar contínuo da esperança cristã, dando força na caminhada e incentivo nas adversidades e reflexão. Contam, também, com a confiança, dos fiéis e não fiéis, confiança esse conquistada pelo longo período de atuação junto a estes. A ação dessas é direcionada para a compreensão do trabalho remunerado ou não, na cidade ou no campo, como centro, tanto na vida de cada pessoa, de cada família, como na organização e funcionamento de toda a sociedade. Como, então tornar o trabalho dignificante, de forma que através dele cada pessoa possa crescer ser mais pessoa? Segundo depoimento das irmãs, esta é uma questão colocada a todos os cristãos e cristãs, que não se acomodem diante das injustiças geradas pelo capital. Refletir em

conjunto, buscar alternativa é uma exigência do tempo presente.

Observando a organização, percebe-se que esse desempenho ainda é ténue, visto a grande rotatividade de alguns membros do projeto e a dificuldade de adesão de outros à proposta, pois é muito difícil mudar uma cultura do “eu” já estabelecida. A abrangência também é pequena, pela amplitude dos assentamentos (são mais de 50 na região), e seus problemas, mas o que encanta é a força e a motivação dos membros dessa organização, de percebê-los a caminho, conscientes de estarem contribuindo com a construção do novo, vivendo e transmitindo a certeza e a esperança de que realmente “aqui um novo mundo é possível, se a gente quiser”.

## Conclusões

Os resultados obtidos na pesquisa permitiram identificar a presença das “Irmãs” como um importante agregador junto aos assentados, contribuindo na organização social para chegar a sustentabilidade, por garantir o fator confiança das comunidades sob sua atuação. A organização “Dando as Mãos”, gestada e acompanhada pelas “irmãs”, na preocupação com as lutas políticas e compromisso com a transformação social, mostra a importância do “agente de desenvolvimento”, aqui identificados com as Irmãs Catequistas franciscanas, para se aproximar da comunidade, entender seus problemas e colaborar na organização. Para isso é necessário contar com a confiança da comunidade em uma ambiente de desestabilidade social das comunidades rurais, uma vez esgotada a ligação existente no início da luta pela terra. As ações das irmãs foram identificadas como capazes de gerar confiança entre os participantes do projeto, o que se traduz em mais sustentabilidade.

## Referências

ABRAMOVAY, Ricardo; VEIGA, José Eli. Novas instituições para o desenvolvimento rural: o caso do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), 1999. In: GUEDES, Vicente G. F.; SILVEIRA, Miguel Ângelo. *A agricultura familiar como base do desenvolvimento rural sustentável*. Jaguariúna-SP: EMBRAPA/CNPMA.

ÁVILA, Vicente Fideles de. *Educação escolar e desenvolvimento local: realidade e abstração no currículo*. Brasília: Plano Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. *Formação educacional em desenvolvimento local: relato de estudo em grupo e análise de conceitos*. 2.ed. Campo Grande: UCDB, 2000.

ALVES, Rubens. *O que é religião*. São Paulo: Brasiliense, 4.ed., 1983.

BRASIL. Lei n. 4.504, de 30 de novembro de 1964. Regula os direitos e obrigações concernentes aos bens imóveis rurais, para os fins de execução da Reforma Agrária e Promoção da Política Agrícola.

BBURITY, Joanildo A. *Identidade e cidadania: a cultura cívica no contexto de uma nova relação entre sociedade civil, indivíduos e estado*. Biblioteca virtual, consejo latino Americano de ciência sociales - CLACSO. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/nabuco/joan5.rtf>>. Acesso em: 15 jan. 2009.

CALDEIRA, Álvaro da C. *Cooperativismo e economia solidária*. Disponível em: <[http://www2.oabsp.org.br/asp/comissoes/resp\\_social/artigos/COOPERATIVISMO\\_ECONOMIA\\_SOLIDARIA.pdf](http://www2.oabsp.org.br/asp/comissoes/resp_social/artigos/COOPERATIVISMO_ECONOMIA_SOLIDARIA.pdf)>. Acesso em: 03 abr. 2008.

CARDENAL, Fernando. La renovación necesaria: desarrollo humano. *ENVIO - Revista (Digital) Mensual de Análisis de Nicaragua y Centroamérica*. Managua-NI: Universidad Centroamericana, octubre/1994. Disponível em: <<http://www.envio.org.ni/articulo/891>>. Acesso em: 4 nov. 2008.

CARVALHO, César Moisés. A humanidade e o fenômeno religioso. *Mensageiro da Paz*, Ano 79, n. 1480, p. 25, Rio de Janeiro: CPAD, Setembro de 2008.

DEMARCHI, Irma. Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, 50 anos em Mato Grosso a serviço da vida e da esperança. *A Tribuna*, Rondonópolis-MT, março de 1997.

ECONOMIA SOLIDÁRIA. *Entrevista com Poul Singer*. *Estud. av.* [online]. 2008, v. 22, n. 62 [cited 2010-01-09], p. 289-314. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142008000100020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100020&lng=en&nrm=iso)>. ISSN 0103-4014. doi: 10.1590/S0103-40142008000100020.

GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária e o projeto de outra mundialização. *Dados* [online]. 2004, v. 47, n. 4, p. 799-834. ISSN 0011-5258.

GUÉRIN, Isabelle. *As mulheres e a economia solidária*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

GIULIANE, G. M. e CASTRO, E. G. Recriando espaços sociais: uma análise de dois assentamentos rurais no Estado do Rio de Janeiro. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 6, jul. 1996.

LEMOS, Carolina Teles. *O sagrado na vida e na sociedade*, p. 43s. Função social das religiões nas sociedades socialistas e comunista. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:3jJpmScTahcJ:professor.ucg.br/siteDo-cente/admin/arquivosUpload/4069/material/Caroltexo%2520COMUM%2520final.doc+LEMOS,+Carolina+Teles.+Fun%C3%A7%C3%A3o+social+das+religi%C3%B5es+nas+sociedades+socialistas+e+comunistas.&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 16 jan. 2009.

LOWY, Michael. A teologia da Libertação acabou? *Teoria e Debate*. São Paulo: Perseu Abramo, ano 9, n. 31, Abr/MARTINS, R. O. Desenvolvimento Local e turismo: por uma ética de compromisso e responsabilidade com o lugar e com a vida. *INTERAÇÕES - Revista Internacional de Desenvolvimento Local*, v. 06, n. 10, p. 109-118, março de 2005.

MELLO, Paulo Freire. Rotatividade em assentamentos rurais. *Raízes*, Campina Grande, v. 25, n. 1 e 2, p. 55-64, jan./dez. 2006. Disponível em: <[http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo\\_173.pdf](http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_173.pdf)>. Acesso em: 12 jan. 2010.

MENEZES NETO, Antônio Julio de. *As relações da igreja católica com os movimentos sociais do campo: a ética da teologia da libertação e o espírito do socialismo no MST*. UFMG Brasil, 2006, p. 7 disponível em: <<http://www.alasru.org/cdaldasru2006/10%20GT%20Antonio%20Julio%20de%20Menezes%20Neto.pdf>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2009.

PETRAS, James. Os camponeses: uma nova força revolucionária na América Latina. In: STEDILE, João Pedro (Org). *A reforma agrária e a luta do MST*. Petrópolis: Vozes, 1997.

PRIORIDADES - *Estratégia do Mercado Interno - Plano Plurianual, 2006-2009*, Recife.

PROJETO "FÉRIAS DIFERENTES". Província Santa Tereza do Menino Jesus. Relatório de uso interno das atividades realizadas no ano de 2000, junto a assentados e acampados da região da Diocese de Rondonópolis.

REDE AMAZÔNIA SOLIDÁRIA. *Formação de Agentes de Desenvolvimento Solidário*. Novos laços desenvolvendo a Amazônia, 2006. Disponível em: <<http://www.redeamazoniasolidaria.org.br/modulo1economiasolidaria/historicodaeconomiasolidaria.doc>>. Acesso em: 18 nov. 2006.

SILVA, M. E.; CEREDA P. M. *O povoamento do município de São José do Povo, MT, no contexto da segurança alimentar: um estudo de caso*. In: COLOQUIO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO LOCAL, 2., 2007, Campo Grande. *Anais...* Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Local, 2007.

STÜLP, Cleto João. *José Gomes: Terceiro Bispo de Chapecó*. In: CÂNDICO, Edinei da Rosa (Org.) Proposta para uma Patrologia local: personalidades da história da igreja de Santa Catarina. *Cadernos Patrísticos*, Florianópolis, v. 3, n. 5, p. 270, maio 2008.

VALANDRO, Ede Maria. Em resposta ao clamor do povo... a Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas. Joinville, 02 de agosto de 1990.